



INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
BACHARELADO EM LETRAS/TRADUÇÃO ESPANHOL

CARLA RODRIGUES ALVES

O GUARANI NA TRADUÇÃO DE *TAVA-Í* PELO CLUBE DO LIVRO

BRASÍLIA

2022

CARLA RODRIGUES ALVES

O guarani na tradução de *Tava-í* pelo Clube do Livro

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras/Tradução Espanhol, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Letras/Tradução Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra María Pérez López

Brasília, maio de 2022

CARLA RODRIGUES ALVES

O guarani na tradução de *Tava-í* pelo Clube do Livro

Trabalho de Conclusão do curso de Graduação apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Letras/Tradução Espanhol.

Brasília, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sandra María Pérez López
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Lily Martínez Evangelista
Avaliadora

Prof.^a Me. Magali de Lourdes Pedro
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Sandra Pérez, agradeço por todo o apoio, compreensão e carinho ao longo de todos estes anos. Agradeço por sempre me encorajar, incentivar e propiciar a oportunidade para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, em todos os momentos da minha caminhada no curso; sem a sua ajuda, não seria possível concluir mais essa etapa.

Ressalto também a importância da professora Magali Pedro, que me acompanhou durante todo o curso, me dando o suporte necessário através das oportunidades que me permitiram crescer como pessoa e como tradutora.

Agradeço ainda ao corpo docente do curso de Tradução Espanhol, por nortearem a minha trajetória.

Agradeço a minha família, a minha companheira Yasmim, à família Meirelles e à família Peronico, pelo apoio, incentivo e compreensão, por me estenderem a mão durante todo o caminho que trilhei até aqui, além de me darem o suporte e tranquilidade necessários para enfrentar as adversidades.

Agradeço às minhas queridas amigas, Milena, Júlia, Jessyca e Madhelene, amigadas que construí ao longo da minha jornada no curso de Tradução e que foram fundamentais para que esses anos pudessem ser guiados com mais leveza.

RESUMO

O foco deste trabalho consiste em analisar a presença da língua guarani na tradução para o português, por parte do Clube do Livro, da obra paraguaia *Tava-í* (1942), escrita por María Concepción Leyes de Chaves. Essa tradução, publicada em 1944, segue o padrão editorial do Clube do Livro, denominado por Milton (2002) de "tradução de fábrica". Ele envolvia, além de aspectos formais, como um tamanho fixo para as obras publicadas, fossem elas originais em português ou traduções, a restrição à presença de assuntos que pudessem ser contra o governo ou contra o viés ideológico conservador do Clube. A justificativa para a eliminação fragmentos ou de elementos pontuais em suas edições apresentada pelo Clube remetia, prioritariamente, à necessidade de facilitar o acesso à leitura por um público amplo. Dado o fato de o livro original analisado incluir uma presença importante de vocábulos em guarani, de difícil entendimento para o leitor brasileiro, este trabalho analisou se ocorria sua permanência na tradução publicada pelo Clube, o qual foi verificado de forma praticamente total e descrito mediante a elaboração de um glossário bilíngue guarani-português. Assim, ainda sendo elementos culturalmente essenciais no texto, este trabalho deixa em aberto o questionamento do porquê de o Clube ter mantido esses vocábulos em guarani na tradução, gerando desafios para o público leitor, principalmente por naquela época o Brasil estar em um movimento patriota da Era Vargas. Além disso, mesmo o guarani sendo uma das línguas oficiais do Paraguai, falada por grande parte da população, este trabalho mostra as dificuldades encontradas na tradução do guarani para o português, necessária para a elaboração do glossário apresentado, pela escassez de materiais de consulta disponíveis *online*, como dicionários e glossários.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução de fábrica. Literatura paraguaia. Guarani.

RESUMEN

El foco de este trabajo consiste en analizar la presencia de la lengua guaraní en la traducción al portugués, por parte del Clube do Livro, de la obra paraguaya *Tava-í* (1942), escrita por María Concepción Leyes de Chaves. Esta traducción, publicada en 1944, sigue el modelo editorial del Clube do Livro, denominado por Milton (2002) "traducción de fábrica". Implicaba, junto a aspectos formales, como un tamaño fijo para las obras publicadas, más allá de que se tratara de originales en portugués o de traducciones, la restricción a la presencia de asuntos que pudiesen ser contrarios al gobierno o al sesgo ideológico conservador del Clube. La justificación para eliminar fragmentos o elementos puntuales en sus ediciones presentada por el Clube remitía, prioritariamente, a la necesidad de facilitar el acceso a la lectura de un público amplio. Dado el hecho de que el libro original analizado incluye una presencia importante de vocablos en guaraní, de difícil entendimiento por parte de los lectores brasileños, este trabajo analizó si permanecían en la traducción publicada por el Clube, cosa que se constató de forma prácticamente total y se describió mediante la elaboración de un glosario bilingüe guaraní-portugués. Así, aunque sean elementos culturales fundamentales en el texto, este trabajo deja abierta la cuestión de por qué mantuvo el Clube dichos vocablos en guaraní en esta traducción, al generarle desafíos importantes al público lector, y, principalmente, por el hecho de que en aquella época el Brasil estaba en un movimiento patriota de la Era Vargas. Además, pese al hecho de que el guaraní es una de las lenguas oficiales del Paraguay, hablada por gran parte de la población, este trabajo pone de manifiesto las dificultades encontradas a la hora de traducir del guaraní al portugués, como para la elaboración del glosario presentado, ante la escasez de materiales de consulta disponibles online, como diccionarios y glosarios.

PALABRAS CLAVE: Traducción de fábrica. Literatura paraguaya. Guaraní.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - O Clube do Livro e a “tradução de fábrica”	10
1.1. A ORIGEM DOS CLUBES DO LIVRO	10
1.2. . A TRADUÇÃO NO CLUBE DO LIVRO: “A TRADUÇÃO DE FÁBRICA” DE TAVA-Í	13
CAPÍTULO 2 - O guarani no Paraguai e em Tava-í: língua e literatura.....	18
2.1. O PARAGUAI: NOTAS PARA UMA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA	18
2.2. ORTOGRAFIA E LEXICOGRAFIA DO GUARANI.....	21
2.3. DISCUTINDO O GUARANI DO PARAGUAI NA LITERATURA E NO CLUBE DO LIVRO: O CASO DE TAVA-Í	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Quando um leitor brasileiro se defronta com um livro titulado Tava-í, é de se imaginar que a reação dele seja de surpresa. Raros serão aqueles que associarão o vocábulo com algum significado em concreto, embora talvez muitos possam pensar que se trate de alguma palavra de origem indígena. De fato, o vocábulo guarani *Tava-í* pode ser traduzido para o espanhol como *pueblito* e, para o português, como “vilarejo”, e esse é precisamente o título do volume que estará no cerne da pesquisa que aqui se inicia.

Como ilustra o título do livro em questão, a língua guarani encontra-se no foco deste trabalho, com sua longa história de tradições e avanços entre os falantes ao longo dos anos, mas também com sua relativamente pouca presença na escrita até hoje. E será através de um projeto editorial com objetivos eminentemente divulgativos que se discutirá a ocorrência do guarani no livro *Tava-í: o Clube do Livro*.

A editora Clube do Livro, que surgiu como proposta de promover a cultura da leitura no Brasil tem como intuito tornar o acesso a autores renomados mais facilitado para a população menos privilegiada, contando com diversas estratégias de marketing e caracterizando-se pela padronização dos produtos oferecidos.

Em concreto, o objetivo geral desse trabalho é analisar a obra *Tava-í*, da paraguaia María Concepción Leyes de Chaves, cuja primeira versão é de 1942, em comparação com a edição traduzida para o português e publicada pelo Clube do Livro em 1944, tendo como foco o a presença do guarani nos textos de partida e de chegada.

Já como objetivos específicos, este trabalho pretende:

a) Apresentar o surgimento e evolução dos clubes de livros, suas origens e características mais marcantes, assim como a aparição da editora Clube do Livro e suas propostas com foco na tradução.

b) Comentar a presença do guarani no Paraguai, em questões de termos de uso padrão escrito e falado.

c) Elaborar um glossário com verbetes dos segmentos em guarani que aparecem no livro que é objeto de estudo deste trabalho.

Para alcançar esses objetivos, foram realizadas leituras dos livros, original e tradução, o cotejo de ambas e a seleção dos verbetes que comporiam o glossário que inclui esta pesquisa. Paralelamente, foi selecionado e lido o arcabouço teórico que

serviu de base para este trabalho, e efetuada sua redação do trabalho. Por fim, deu-se a elaboração do glossário, contendo os termos em guarani que aparecem na edição do Clube do Livro, em comparação com o volume original.

A efeitos de organização, o presente trabalho se articulou em dois capítulos, precedidos desta introdução e seguidos pela seção de Considerações Finais. No primeiro deles, são apresentados os clubes do livro e, em concreto, aquele com que esta pesquisa dialoga, em termos de histórico e de estratégias editoriais. Já no segundo capítulos, é trazida a questão do guarani, em termos de uma breve descrição sociolinguística, com destaque para a problemática da padronização, seguida do mapeamento da presença do guarani na edição de *Tava-í* pelo Clube.

Isto posto, o presente trabalho tem início com a apresentação de algumas notas sobre o nascimento dos clubes por livro, por ser neste contexto que se dará a publicação do volume pesquisado.

CAPÍTULO 1

O Clube do Livro e a “tradução de fábrica”

Conforme indicado na Introdução, este primeiro capítulo dá início ao percurso que será traçado neste trabalho apresentando uma discussão sobre as origens que as pesquisas sobre o assunto atribuem aos clubes do livro, para, a seguir, adentrar na caracterização específica do Clube do Livro que aqui nos ocupa, enquanto proposta editorial e ainda, especificamente, na sua abordagem da prática tradutória.

1.1. A ORIGEM DOS CLUBES DO LIVRO

Pesquisadores que voltam seus interesses para esse objeto apontam o fato de os clubes do livro terem tido seus primórdios na França e Grã-Bretanha por volta do século XVIII. Porém, teriam virado um fenômeno, em termos de divulgação, no século XIX, com o aumento do número de leitores. Os gabinetes de leitura, como ficaram conhecidos na França (DELGADO & CORDÓN, 1990, p. 260) “*unos centros de lectura de carácter privado a los cuales se accedía mediante el pago*”, eram espaços de acesso restrito para cujo ingresso os clientes precisavam pagar uma assinatura mensal, de modo a fazer uso dos produtos neles oferecidos em salas próprias para leitura, além de poderem pegá-los emprestados sob determinadas condições. Já na Inglaterra, os espaços correspondentes aos gabinetes de leitura franceses foram conhecidos como bibliotecas circulantes. Estas apresentavam, contudo, uma visão diferente no relativo à forma de circulação dos livros: as bibliotecas circulantes focaram suas atividades no aluguel de volumes e não em que seus clientes pudessem fazer a leitura nos próprios locais, deixando, assim, os leitores confortáveis para ler em suas casas ou outros locais de escolha.

Para que esses centros de leitura privados funcionassem, era preciso levar em consideração alguns conceitos, como qual era o tipo, a quantidade, o lugar e a categoria em qual seus diversos clientes se encaixavam. Os clientes que eram assinantes pagavam uma cota mensal, semestral, trimestral ou anual; já os não assinantes tinham que pagar todas as vezes que iam até esses espaços. Ambos os grupos possuíam, então, diferentes privilégios a respeito do tempo, números de obras que podiam pegar a título de empréstimo.

Após seu período de sucesso, gabinetes de leitura e bibliotecas circulantes foram perdendo força e sua decadência se deu na metade do século XIX até o século XX, pela industrialização da imprensa, que tornou as impressões mais baratas e proporcionou o nascimento doutros tipos de literatura, como os folhetins. Além disso, deu-se à época o avanço das linhas de trem e dos meios de comunicação que ajudaram a difundir a imprensa, assim como o crescimento das bibliotecas públicas (SÁNCHEZ, 2005, p.55)

Falando agora, especificamente, sobre os clubes do livro propriamente ditos, parecem ter surgido por volta de 1916 na Alemanha com a *Deutschnationalen Handlungsgehilfenverband*, onde chegaram a ter uns 800 000 sócios na década de 1930, e 5,3 milhões após a Segunda Guerra Mundial (MILTON, 2002, p.18-19). Observados comparativamente com os gabinetes de leitura e as bibliotecas circulantes, observa-se que, enquanto nestes dois os assinantes precisavam ir até o estabelecimento para ler ou pegar algum volume, nos clubes do livro os clientes recebiam os produtos por correio, com preços mais baixos que o mercado, mas com a condição de que os sócios comprassem uma quantidade mínima de livros. Essa distribuição beneficiava não só os clubes do livro, como também os autores e editoras (se o clube em questão não distribuísse apenas obras por ele editadas), uma vez que os livros aumentavam sua circulação, tivessem já sido publicados e tendo sido reimpressos para a distribuição a esses leitores.

Houve, então, vários funcionamentos próximos dos característicos do Clube do Livro, de empréstimos remunerados e aluguel de livros, até estruturas para que os leitores pudessem ler e discutir suas leituras no próprio ambiente, para finalmente se dar esse tipo de editorial que comercializava livros selecionados por correio por um preço menor, ou apenas para um grupo de colecionadores. Contudo, para ser considerado um clube do livro, eram necessários alguns componentes. Como empresa editorial, precisa ser conhecida por agentes do setor, permitindo a identificação e facilitando o gerenciamento de direitos, a fim de se beneficiar de duas estratégias de mercado: uma consistente em cobrar primeiro de seus assinantes, para depois repassar às editoras (se não fosse ele próprio); e outra em que, como editora, tinha o direito de colocar os preços livremente. Esta última estratégia, contudo, estava limitada pelo fato de, nalguns países existirem preços tabelados para os volumes editados, que os clubes precisavam respeitar; caso contrário, cairiam na ilegalidade.

Com a intenção de atrair mais clientes, faziam uso da publicidade, publicando anúncios na imprensa, até mesmo mandando-os diretamente para clientes em potencial, e, também, divulgando os produtos por meio de agentes comerciais que iam de porta em porta ou a feiras de livros, e recebiam benefícios por atrair novos clientes. Aqueles que tinham interesse em ingressar no clube em questão precisavam assinar um contrato em que consentiam em adquirir um número mínimo de livros, após o qual eram admitidos como sócios e recebiam em casa o catálogo do clube.

Os clubes existentes variavam de acordo com alguns fatores, como o número de habitantes do país, o nível econômico, educacional e cultural, ou a porcentagem de leitores e idiomas falados naquele território. Tendo em vista essas variáveis, cada clube escolhia para qual viés estava voltado: geral ou especializado. Os primeiros produziam diversos materiais, alcançando tipos diferentes de clientes; já os outros tinham mais restrições em relação ao que produziam, limitando-se a um tipo de assunto específico e um público menor.

Os clubes tiveram todo um triunfo graças ao seu novo método de tratar os seus assinantes, oferecendo-lhes a comodidade de receber seus produtos em casa e satisfação na leitura. Essas qualidades aliavam-se à sua função prescritiva, pois, apesar de enviar aos leitores um catálogo geral, além de um breve comentário sobre cada obra, os clubes faziam uma seleção específica dentre as obras publicadas, tornando a escolha do cliente supostamente mais fácil, mas também mais dirigida.

Contudo, é inegável que os clubes tinham um papel social e cultural muito forte. Alcançaram todos os tipos de leitores, desde os mais ricos aos de renda inferior. Este último é o caso da editora Clube do Livro, cuja missão, segundo Milton (2002, p. 34), “era levar livros baratos ao maior número possível de pessoas, dando-lhes a possibilidade de montar uma biblioteca em casa”, não importando a sua classe social e níveis de formação acadêmica. O papel que o Clube do Livro se atribuía era, então, fazer chegar aos seus leitores, de forma sucinta, mas detalhada, as informações que estariam no original.

Conforme outros espaços foram ocupando o lugar dos clubes do livro enquanto fornecedores de livros baratos, precisaram investir em produtos que conseguissem alcançar todo tipo de clientes, desde os que estavam interessados em comprar livros aos que queriam trabalhos fotográficos, cartões etc. No entanto, em termos gerais o modelo de negócio que representavam parece ter tido seu ocaso nas últimas décadas do século XX, como aconteceu, especificamente, com o Clube do Livro aqui em foco.

O Clube do Livro que nos ocupa surgiu em 1943, durante a Era Vargas e foi bastante influente no Brasil, sendo o primeiro clube de livros do país, administrado por Mário Gracioti. Monteiro Lobato teve grande influência no Clube do Livro, buscando ampliar o mercado editorial e popularizar o livro, a fim de alcançar um público maior, como diz Milton (2002, p. 25):

o novo consumidor de classe média, ou de classe média baixa, muito provavelmente não conhecia línguas estrangeiras, não havia herdado uma biblioteca, não usufruía “capital cultural”, mas estaria preparado para ampliar o próprio conhecimento.

As edições do Clube do Livro foram padronizadas em relação à tipologia textual, ao tamanho, peso e à forma como eram transportados aos associados. Os livros eram entregues nas casas dos leitores pelo correio ou entregadores. O Clube publicava livros mensalmente e essas publicações consistiam em obras clássicas, estrangeiras e nacionais, vendidas por preços módicos, facilitando o acesso a elas do público de classe média baixa, com o qual o Clube ganhava espaço no mercado.

1.2. . A TRADUÇÃO NO CLUBE DO LIVRO: “A TRADUÇÃO DE FÁBRICA” DE TAVA-Í

Em determinadas épocas, o tradicional papel divulgativo que se costuma atribuir à tradução conviveu com tendências elitistas, alcançando apenas pequenos grupos da alta sociedade e estudiosos acadêmicos. É o que Milton (2002, p. 81) comenta quando afirma que: “creio que a tradição da tradução estrangeirizadora, na qual os tradutores procuram ressaltar as qualidades estéticas do original na tradução é, em grande medida, o produto do elemento fortemente elitista do Modernismo”. O Clube do Livro vai ao oposto desse movimento, com um discurso popular e salvador. Popular, pois com o intuito de alcançar leitores de todos os níveis de classes sociais, e salvador da cultura no Brasil. Visando a alcançar mais casas e leitores, o Clube precisava de rapidez e eficiência para entregar as traduções. Nesse sentido, recorre ao que Milton (2002, p. 84) denominou “tradução de fábrica”, onde eram importantes o “montante de vendas, os preços e o número de páginas” (Milton, 2002, p. 84), fatores esses que funcionavam em interação.

Com os curtos prazos e as padronizações impostas pela editora, as traduções muitas vezes eram condensadas e partes ocultadas. Além da padronização formal,

temas eram adaptados à cultura local ou ao gosto dos leitores, padronizando também a linguagem, cortando gírias e palavras de baixo padrão, e dialetos. Assim como o tamanho e o peso dos livros, tudo era levado em consideração para diminuir o custo de produção e distribuição.

Para além do discurso salvador e popular, o Clube do Livro acreditava ter um papel paternal com seus leitores, como explica Milton (2002, p. 45):

Além de difundir cultura através dos livros, o Clube do Livro acreditava que lhe cabia a tarefa de melhorar os hábitos nutricionais do brasileiro. A melhor forma de difundir esses hábitos seria através dos livros: então por que não unir o esforço de difundir cultura e alimentação por meio de notas de rodapé? O livro era uma panacéia: além de resolver a deficiência cultural do Brasil, resolvia problemas de saúde.

O álcool era o grande vilão, e em muitas obras o Clube do Livro tentava suavizar as impressões que as obras passavam com posições pouco críticas no tocante ao seu consumo; ou seja, o cuidado com o leitor era muito importante, o que garantia que se sentisse abraçado e confortável, dentro de uma certa infantilização a que era submetido.

Algumas dessas características advindas da “tradução de fábrica” aparecem no objeto de estudo deste trabalho: a obra *Tava-í*, de María Concepción Leyes de Chaves, que foi traduzida por J. Machado. Além da censura e o papel paternal que o Clube apresentava, nas traduções é possível observar o cuidado do tradutor com o leitor, filtrando informações e a maneira como chega até o público. Em alguns momentos, o tradutor elimina ou substitui partes ou pequenas frases do texto, como, por exemplo, na página 6 do original:

TRADUÇÃO DE FÁBRICA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO: ALGUNS EXEMPLOS	
Original	Tradução
Substituição e eliminação:	
p.6 “¡Es claro! Se trataba de mí, un muchacho rebelde, opositor a todo trance, que se ha negado siempre a usar corbatas coloradas . ¡Indigna el proceder de estos políticos desorbitados! –le excitó el esfuerzo para tartamudear lo menos posible. De súbito, palideció, y se llevó las manos al estómago”.	p.15 “Está claro! Tratava-se de mim, moço rebelde, opositor a todo transe, que sempre recusou usar gravatas de côr. Causa indignação o procedimento destes políticos atrevidos. De súbito, empalideceu e levou as mãos ao estômago”.

O segmento retrata, ainda, uma questão ética, pois, neste caso, o tradutor acaba eliminando partes do texto a fim de esconder um possível problema na fala que o personagem possui, mas também uma questão predominantemente política. No texto de chegada, o tradutor optou por substituir a primeira frase com um vocábulo em destaque, levando em consideração que, na data de publicação da tradução, em 1944, o Brasil estava na Era Vargas, que foi um governo nacionalista e conservador. A frase “*corbatas coloradas*” faz uma pequena referência ao partido político Colorado paraguaio, que é representado pela cor vermelha, e esta cor em questão está ligada ao socialismo, o que possivelmente poderia ser uma forma de não levar esse tipo de mensagem ao leitor, como se pode observar na página da tradução do Clube. Nela, o tradutor substitui “*coloradas*” por “de côm” para evitar essa possível referência ao partido político paraguaio e, sobretudo, à cor vermelha, em uma dinâmica que coincide com a afirmação de Milton (2002, p 27) acerca da tendência de eliminação de referências a essa cor nas publicações do Clube, que se evidenciará nos anos 1960 de forma intensa e nem sempre pelo fato de o vermelho estar associado com alguma conotação de esquerda:

O segundo período de censura rigorosa começou em 1968 com o AI-5. Entre 1968 e 1978, ano este que assinalou o início da abertura política, 508 livros foram expressamente proibidos. Além daqueles autores evidentemente proibidos como Che Guevara, Lênin e Marx, alguns livros foram banidos como *Mein Kampf*, de Adolf Hitler e obras de Haroldo Robbins. Um livro poderia ser proibido de circular simplesmente por ter uma capa vermelha ou por conter palavra “vermelho” no título, como no caso de *O livro vermelho da Igreja perseguida*, que não era um livro sobre padres revolucionários, mas sobre os primeiros mártires cristãos. Outro livro a ser proibido foi o romance de Eça de Queirós, *A Capital!*.

Esse tipo de posições de desconfiança com relação a certas marcas às quais se atribui um peso ideológico mesmo em contextos em que não o tenham também se verificou quando das discussões sobre o estabelecimento da norma padrão do guarani, agora no tocante ao recurso à letra “k”. Como explica Penner (2020, p. 244),

la convención ortográfica del castellano de la c y q en función de la vocal consecutiva (que, qui, ca, co, cu) resultó poco apropiada para el guaraní. Se sugirió entonces la letra k, que posee el mismo valor

fónico, pero la propuesta chocó con obstáculos ideológicos. En los años setenta, en plena época del anticomunismo, era inconcebible incorporar la letra k en el grafemario guaraní, con el argumento de que la palabra “Kremlin” se escribe con k, olvidando que también “kilo” y otras palabras del español se escriben con k. Hoy la k ya no es discutida.

Assim como no segmento apresentado acima, com o cotejo de original e tradução de *Tava-í* foi possível mapear algumas características do texto, como determinados casos de eliminação e substituição de frases do original em relação a tradução. Alguns exemplos, apenas a título ilustrativo, podem ser observados na tabela abaixo:

TRADUÇÃO DE FÁBRICA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO: ALGUNS EXEMPLOS	
Original	Tradução
Eliminação:	
<p>p.4 “Quedó el forastero haciendo molinetes con el bastón; intentaba desembaraçasse de los chicos que le asediaban”: Em castelhano, “molinetes” significa movimientos circulares, imitando um moinho.</p> <p>p.6 “¡Indigna el proceder de estos políticos desorbitados! – le excitó el esfuerzo para tartamudear lo menos posible. De súbito, palideció, y se llevó las manos al estómago”: Consta explícitamente o vocábulo ‘tartamudear’, ou seja, gaguejar, atribuído ao personagem.</p>	<p>p.12 “Quedou-se o forasteiro a brincar com a bengala, procurando desembarçar-se dos garotos”: A troca de “molinetes” por “brincar” suaviza a característica de o personagem ser brincalhão e elimina a ênfase no que os garotos aprontaram com ele.</p> <p>p.15 “Causa indignação o procedimiento destes políticos atrevidos. De súbito, empalideceu e levou as mãos ao estômago”: Eliminou a parte que afirma que o personagem possui dificuldades para falar e suaviza a crítica aos políticos.</p>
Substituição:	
<p>p.3 “la falda de la camisa al aire”: “Falda”, usualmente saia, também é usado em castelhano para remeter à parte da camisa que fica dentro da calça.</p> <p>p.3 “Encasquetóse la galerita, desarrugó los faldones de su levita negra, ajada en el trayecto, y se dirigió al cochero”: “Galera” é uma cartola, reta na parte superior. Já o casaco está velho, “ajado”.</p>	<p>p.11 “a fralda da camisa flutuando ao vento”: “<i>Falda</i>” é erroneamente traduzido por “fralda”, um caso aparente de falso cognado.</p> <p>p. 11 “Encasquetou na cabeça o chapéu de côco, desfez as dobras do fraque prêto, enrugado na viagem, e dirigiu-se ao cocheiro”: O chapéu de coco é esférico, não liso na parte superior, e o fraque está apenas amassado pela viagem.</p>

No entanto, além da eliminação de pequenas frases e palavras, em certo momento o tradutor optou por retirar dois parágrafos inteiros. E a relevância dessa operação tem relação com a discussão que será realizada no capítulo a seguir: a presença e o tratamento tradutório do guarani na tradução de *Tava-í* pelo Clube do Livro. Os segmentos em questão são os seguintes:

TRADUÇÃO DE FÁBRICA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO: ALGUNS EXEMPLOS	
Original	Tradução
Eliminação:	
p. 65 ni sangre de aluvión ni filtraciones de <i>cambá</i> , la raza esclava, cuyo sello mostraba Rodríguez en rasgos inconfundibles. Además, el único detalle que doña Juana conocía de la muerte de su marido era que éste había sido ultimado a revólver por un oficial brasileiro; para ella, Rodríguez concretaba en su persona la menorvalía del <i>tembiguay</i> , los horrores de la guerra y el oscuro crimen que había enlutado su vida.	(Eliminado)

É precisamente aqui que se verifica a única eliminação de vocábulos ou segmentos em guarani que se conseguiu mapear na tradução de *Tava-í* pelo Clube. Essa eliminação parece se dar pelo motivo de os vocábulos em guarani fazerem alusão a pessoas negras dentro de frases marcadamente racistas, mesmo que não sejam estas as únicas partes do volume em que aparecem comentários racistas ou preconceituosos.

Dito isto, encerra-se aqui este capítulo para dar passagem a mais uma seção deste trabalho destinada a, após uma apresentação do guarani, no tocante a aspectos sociolinguísticos e de norma linguística, acompanhar sua presença no volume traduzido pelo Clube.

CAPÍTULO 2

O guarani no Paraguai e em *Tava-í*: língua e literatura

Este capítulo destina-se a abordar a presença e tratamento tradutório do guarani no corpus aqui pesquisado. Para apresentar o objeto, esta seção começa traçando um breve panorama que visa a retratar a presença do guarani no Paraguai, em termos sociolinguísticos e no tocante à sua presença na literatura do país, para, a seguir, apresentar um glossário das ocorrências desta língua no original de *Tava-í* (1942) e na tradução pelo Clube do Livro, de 1944.

2.1. O PARAGUAI: NOTAS PARA UMA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

Desde 1992, o Paraguai possui duas línguas oficiais: o castelhano e o guarani. Diferente de outros países latino-americanos, a cultura e a língua nativas continuaram sendo preservadas e influentes na sociedade.

De acordo com o último *Censo Nacional de Población y Viviendas 2012*, realizado pela Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC), atualmente denominado o Instituto Nacional de Estadística (INE), os dados desse ano apontam para o fato de que, no Paraguai, pouco mais de 46% das famílias usam a combinação castelhano-guarani em seus lares. Em pelo menos 34% dos domicílios é utilizado apenas o guarani e 15,2% dos paraguaios se comunicam apenas em castelhano.

As práticas linguísticas mais frequentes nos domicílios urbanos ocorrem na combinação castelhano-guarani, com quase 60%, mas essa preferência muda na área rural, onde a língua predominante é o guarani, com 62,2%. Outros idiomas falados no Paraguai são o português, que é utilizado em cerca de 2% dos domicílios, com uma ocorrência maior na área rural, e o alemão, também predominante no âmbito rural, com cerca de 0,7%.

Já o *III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas 2012*, também realizado pelo DGEEC, destaca outras vinte línguas faladas no Paraguai, sendo elas de origem indígena, como, por exemplo, o *Mbya Guaraní*, falado por cerca de 8 mil pessoas.

Com os dados disponíveis a partir dos Censos, não é possível perceber com clareza a situação do guarani, pois o de 2012 inclui, como uma categoria independente, os falantes bilíngues castelhano guarani, o que não sucede no de 2002. No entanto, ambos os Censos indicam que o guarani é usado pela grande maioria da população, embora a quantidade de falantes bilíngues possa estar em aumento, motivo pelo qual ela teria se convertido em uma das categorias de trabalho no Censo de 2012.

CENSO 2012			CENSO 2002		
Idioma por domicílio	Quantidade	Porcentagem	Idioma por domicílio	Quantidade	Porcentagem
Total de domicílios	1.232.496	100%	Total de domicílios	1.107.297	100%
Guarani	419.265	34%	Guarani	653.600	59,02%
Castelhano	187.951	15,2%	Castelhano	396.802	35,8%
Castelhano-Guarani	570.685	46,3%			

Fonte: STP/DGEEC. Censo Nacional de Población y Viviendas, 2012

Fonte: Paraguay. Resultados Finales Censo Nacional de Población y Viviendas. Año 2002 - Total País. - DGEEC

Contudo, as cifras acima apresentadas confirmam que, em termos de uso, como diz o art. 140 da Constituição paraguaia de 1992, “*El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro*”. Assim, apesar de ser reconhecido como um país bilíngue, a distribuição de usos de ambas as línguas oficiais responde àquilo que Bartomeu Meliá (1973) descreve como um processo de “diglossia”. Este termo, cunhado por Ferguson (1959), remete à desigualdade na presença e distribuição de usos entre duas línguas pela mesma comunidade, sendo que uma sempre tem mais relevância que a outra, no caso específico, o espanhol no Paraguai, em relação ao guarani.

Quase vinte anos após a criação da Constituição de 1992, foi aprovada, em 2010, a criação da denominada Lei de Línguas, uma extensão da carta magna, porém agora abordando as especificações da presença social das línguas do Paraguai, entre elas o guarani, como línguas de uso e de trabalho em todos os âmbitos sociais. A lei diz que tanto o guarani quanto o castelhano serão aceitos em todas as formas, escrita e oral, e em todo o território do país, sem discriminação e distinção. Entretanto, o artigo 14, do Capítulo III desta lei, que fala sobre o uso das línguas oficiais no âmbito público,

indica também que as leis serão todas promulgadas em castelhano e as instituições de Estado serão responsáveis por apresentar os textos nos dois idiomas oficiais, assim como outros normativos de grau inferior às leis, como os decretos municipais, de acordo com a gramáticas e o alfabeto oficiais.

Sobre a alfabetização, em nível inicial, a lei diz que a escolarização das crianças pode ser iniciada em sua língua materna, desde que seja uma das línguas oficiais. E as instituições de ensino do país, públicas e privadas, são obrigadas a ensinar os dois idiomas oficiais. Da formação de professores, a lei diz que os centros de formações docentes deverão preparar educadores bilíngues, em guarani e castelhano.

Em que pese a existência do dispositivo legal citado, que prevê o uso do guarani em todos os âmbitos sociais, a desigualdade na presença das línguas segue sendo o maior desafio. Mesmo sendo ensinadas em escolas e instituições governamentais, na prática não ocorrem socialmente da mesma forma: o guarani é falado nas ruas e nos lares, mas o espanhol é que domina a escrita e os discursos oficiais. Assim, Alcaine (2005, p. 36) apresenta a situação sociolingüística paraguaia retomando o termo proposto por Ferguson, diglossia: *“la sociedad paraguaya se ha considerado habitualmente como modelo de bilingüismo con diglosia estable, con el español como variante alta y con el guaraní como variante baja”*.

Além do guarani e do castelhano, no Paraguai são encontradas outras **variedades linguísticas**, como as que são produto do encontro de línguas, consistentes em mesclas de dois idiomas. É o que ocorre com o *jopará* ou *guarani criollo*. Escrito como *jopará* ou *yopará* – que em guarani significa “mescla” –, sua denominação foi traduzida ao espanhol por Guash e Ortiz (1991) como *“a medias, medianamente”* e *“mezcla, mezclanza”*.

Esse tipo de fenômeno, em que o guarani foi levado para comunidades não indígenas, lembra o acontecido no Brasil com a denominada “língua geral”. Segundo Barros, Borges e Meira (1996, p. 162), em “A Língua Geral como Identidade Construída”:

A Língua Geral é uma língua "construída" pelos brancos, a partir do tupinambá. Ou seja, o colonizador se apropria de um traço cultural do "outro" e o transforma num elemento-chave da ação colonizatória, impondo sua própria religião e seu modo de vida às diversas etnias nativas. Neste caso, a língua que era, originalmente, do "outro", passa a representar e marcar a diferença da cultura do branco.

E, além de “marcar a diferença da cultura do branco”, a Língua Geral ocupou durante séculos o espaço da variedade baixa no Brasil, estando presente na sociedade no geral até a prescrição em contrário pelo marquês de Pombal em 1758.

No Paraguai, a fortuna do guarani não passou pela criação de uma Língua Geral, proscrita no século XVIII, mas o encontro de línguas no país levou à aparição do *jopará*. Trata-se de uma variedade linguística associada com a coloquialidade, que envolve uma mescla entre o espanhol e o guarani, tendo como base principal o castelhano à qual se sobrepõem expressões guaranis. Embora isso ocorra tradicionalmente nas línguas, vale destacar o fato de a forma escrita ser considerada diferente da forma oral, talvez acentuando o caráter artificial ou impostado da primeira. Conforme Lenka Zajícová (2009):

En forma escrita —que no es idéntica con el lenguaje oral— aparece en aquellos textos que pretenden imitarlo. Es un estilo característico de la prensa amarilla, sensacionalista, que con este recurso estilístico trata de captar las masas populares de lectores.

Aparece em muitos jornais, com boa parte do texto sendo em castelhano e uma pequena porcentagem em guarani, como por exemplo no site de jornal “*Crónica*”, onde algumas manchetes aparecem com palavras em guarani e o restante do texto em castelhano, provavelmente para chamar atenção de seus leitores.

Independentemente do motivo, isso ocorre, é claro, através de alguma representação gráfica, o qual traz à tona a questão da ortografia, que será abordada a seguir.

2.2. ORTOGRAFIA E LEXICOGRAFIA DO GUARANI

Embora com frequência menosprezada em contextos escolares por ser uma mera arbitrariedade humana a que se recorre na escrita, à ortografia é atribuído um reconhecimento social inegável, para além de constituir um elemento fundamental, por exemplo, na elaboração de dicionários que seguem a ordem alfabética. Nesta pesquisa, ainda, as diferenças nos usos ortográficos adoptados pelo texto original e pela tradução pelo Clube na escrita do guarani, como se verá mais à frente, são um problema específico que precisará ser abordado em detalhe.

Em termos ortográficos, há um marco na organização da escrita padrão do guarani: a publicação pela Secretaria de Políticas Linguísticas do Paraguai (SPL),

juntamente com a Academia de la Lengua Guaraní (ALG), em 2016, de um ato oficial divulgando as denominadas regras ortográficas do guarani.

A norma apresenta quatro regras ortográficas, sendo estas:

1. O alfabeto original contém 33 fonemas próprios e respectivamente são representados por 33 letras. A a, Ñ ñ, Ch ch, E e, É ě, G g, \$ ģ, H h, I i, Ī ī, J j, K k, L l, M m, Mb mb, N n, Nd nd, Ng ng, Nt nt, Ñ ñ, O o, Ō ō, P p, R r, Rr rr, S s, T t, U u, Ū ū, V v, Y y, Ŷ ŷ, ' (Puso).
2. O uso da acentuação, para o qual a língua guarani considera a vogal tônica ou de maior intensidade. A palavra só pode ter um acento. Em nenhum caso o acento deve ser usado quando a vogal tônica estiver localizada no final da palavra: guata, ñani. No entanto, quando localizado antes do final, deve ser usado. Exemplos: *Ára*, *purahéi*. Se houver duas ou mais vogais tônicas em uma palavra, a *tilde* deve ser marcada na tônica direita, desde que não seja uma vogal final: *Mbo'ehara*. Nas vogais nasais, o acento não é usado: *Mokõi*.
3. A formação das sílabas nasais não pode ocorrer com duas letras nasais: *Ĝua*. Quando a vogal oral (a, e, i, o, u, y) forma uma sílaba com consoantes nasais (ğ, m, n, ñ) ou consoantes nasais-orais (mb, nd, ng, nt), ela é nasalizada por ditas consoantes. Exemplo: *Ma*, *nda*. Quando a vogal nasal (ã, ě, ĩ, õ, ū, ŷ) forma uma sílaba com uma consoante oral (ch, g, h, j, k, l, p, r, rr, s, t, v) (*puso*), essa sílaba é nasal. Exemplo: *Tã*, *pytã*.
4. A formação das palavras se dá, em guarani, pela adição de partículas ao lexema de base. Na escrita, as partículas de prefixo e sufixo que modificam o lexema de base se unem a ele, formando uma única palavra: *Oporogueroguataseteniko*.

Assim como é recente esta proposta para a construção de uma ortografia oficial do guarani, e apesar de o Paraguai possuir uma educação bilíngue, em que as duas línguas são ensinadas, os recursos disponíveis em relação às gramáticas e dicionários dessa língua não são tão fáceis de serem encontrados como se poderia supor, ou bem são anteriores às normas ortográficas citadas. Ainda assim, existem dicionários e gramáticas do guarani, como os citados a seguir.

GUARANI ÑE'ĒTEKUAA ou *GRAMÁTICA GUARANÍ*, cuja terceira edição corrigida é de 2020, foi elaborada pela Academia de la Lengua Guaraní e revisada de acordo com a Lei de Línguas 4251/10. Em relação às outras edições, não existem muitas informações, mas são anteriores à lei que torna o guarani língua oficial e, também, às normas ortográficas antes citadas.

Outro exemplo a destacar é o *Diccionario de la Lengua Guaraní del Paraguay*, que teve seu lançamento dia 29 de janeiro de 2021, sendo um dicionário monolíngue e que apresenta uma quantidade reduzida de verbetes, cerca de 2.000.

Vale ressaltar que o acesso a esses dois recursos fora do Paraguai resulta complicado, pois não estão disponíveis na internet e nem para vendas fora do país. No entanto, a Secretaría de Políticas Lingüísticas, juntamente com a Secretaría Nacional de Tecnologías de la Información y Comunicación, disponibilizam um “Tradutor” virtual de palavras do guarani-espanhol. Porém, mesmo de fácil acesso, sua utilização resulta complicada para pessoas que não têm familiaridade com a gramática guarani ou com palavras advindas do guarani.

Outro recurso existente é um aplicativo, chamado *Guaraní Ayvu*, disponível apenas para celulares com sistema operacional Android, que foi desenvolvido pela Secretaría de Políticas Lingüísticas em conjunto com a Academia de la Lengua Guaraní, a Facultad de Filosofía de la Universidad Nacional de Asunción (UNA) e o Grupo de Grabaciones en Guaraní dos Estados Unidos, PopulisTech. Trata-se de um tradutor nos idiomas, guarani, castelhano e inglês. O *app* possui 3.200 palavras, com registro em áudio de cada uma das palavras em guarani, além de comportar uma série de conteúdos relacionados à aprendizagem do guarani, tais como, a gramática, o alfabeto e a ortografia.

Ainda com suas limitações, essas ferramentas constituem recursos úteis aos quais podem recorrer tanto os aprendizes de guarani, quanto pesquisadores interessados em, como aqui, dedicar um olhar para a presença dessa língua em textos literários. E é precisamente sobre o papel do guarani na literatura que se discorrerá brevemente a seguir, voltando o olhar para o volume traduzido pelo Clube do Livro.

2.3. DISCUTINDO O GUARANI DO PARAGUAI NA LITERATURA E NO CLUBE DO LIVRO: O CASO DE TAVA-Í

Segundo Melià (1997, p. 45) afirma, em termos sociais, “*el uso del guaraní o del español obedece a normas sociolingüísticas, de hecho, discriminatorias; la lengua española adquiere los caracteres de lengua de dominación, mientras que el guaraní aparece como lengua del dominado*”. E essa situação sociolingüística se projeta no espaço literário, onde o castelhano aparece como centro principal dentro da literatura paraguaia e o guarani ocupa apenas um segundo plano. Ou seja, o Paraguai, mesmo tendo duas línguas oficiais, prioriza de fato o castelhano dentro da literatura canônica e de prestígio, embora haja espaços em que o guarani se apresenta com maior evidência. Como afirma a escritora Carla Daniela Benisz (2013):

En tanto la diglosia jerarquiza las lenguas en una relación de variedad baja y variedad alta, condiciona –en consecuencia– el uso de cada lengua de acuerdo al contexto sociolingüístico. En el espacio de la escritura, en un nivel formal y en relaciones no solidarias marcadas por el poder, la lengua que impone el uso es el castellano; en cambio, en el ámbito familiar, íntimo, y el de la narración popular (de anécdotas, de casos, de la oratura) se usa el guaraní.

Nesse sentido, Augusto Roa Bastos criticou, em uma famosa polêmica, a falta de identidade nacional paraguaia, que tem relação com a tendência da literatura paraguaia de excluir a língua e a cultura dos povos indígenas. Ao ser popularizado como língua falada e não escrita, o guarani costuma aparecer apenas, dentro da literatura do país, como tema colateral, criador de identidades, mesmo que com uma presença marginal; ou seja, no que diz respeito ao guarani, o folclore e a cultura são usados como insumo, mas a literatura é escrita em castelhano.

E, seguindo essa linha, Roa Bastos escreveu diversas obras fazendo críticas à literatura paraguaia, descrevendo-a como “literatura ausente” e “vazio de tradição”, pois, para ele, não existiria um “sistema literário” nacional, um *corpus* ficcional consistente que servisse de base a um polissistema genuinamente paraguaio.

Ao contrário do que prega Roa Bastos, outro escritor, Carlos Villagra Marsal, entre outros, interpretou as afirmações daquele como uma afronta, uma forma de deslegitimar sua própria profissão. No entanto, a presença marginal da cultura guarani e o afastamento de uma parte fundamental da identidade paraguaia em relação ao contexto ficcional podem ser facilmente acompanhados quando se analisa, por exemplo, o tratamento dado à língua guarani em si em obras como as pesquisadas neste trabalho.

Em concreto no corpus sobre o qual se debruça esta pesquisa, mesmo sendo paraguaia e escrevendo para um público, a princípio, conterrâneo dela, a autora María Concepción Chaves de Leyes opta por fazer um glossário no final, composto de verbetes em guarani, com seus significados. Ao todo, aparecem nesse anexo 54 lemas com seus significados em espanhol. Ela utiliza duas notas de rodapé. Na tradução do Clube, faz-se o uso de um glossário com todas as palavras em guarani e seus respectivos significados em português, exceto por esse fator de maneira essencialmente igual ao original, mas agora com 69 verbetes.

No glossário apresentado pela autora, os verbetes aparecem na ordem alfabética, e divididos por bilinguismos, paraguaísmos, hispanismos e verbetes em guarani. Já na tradução, não existe essa divisão e os lemas aparecem uma lista única organizada em ordem alfabética. Além dos vocábulos em guarani, o tradutor optou por colocar também palavras e seus significados em castelhano que não aparecem no glossário original, como por exemplo: *Castilla*, que aqui significa “nome vulgar da língua castelhana”, e *carne con cuero*, entendida como “nome dado ao assado no forno, dentro do próprio couro do animal”. Esses vocábulos não possuem relação alguma com o guarani, mas são curiosidades em relação à língua e cultura locais.

Algumas definições que aparecem no original são traduzidas para o português, como por exemplo:

TRADUÇÃO DE FÁBRICA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO: ALGUNS EXEMPLOS	
Original	Tradução
p. 23 Avá – Hombre. En el guaraní actual vale índio, con sentido peyorativo.	p. 41 Avá – Homem. No guarani, atual, equivale a índio, com sentido pejorativo.

Em outros casos, o tradutor, além da tradução, apresenta uma explicação, como acontece a seguir:

TRADUÇÃO DE FÁBRICA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO: ALGUNS EXEMPLOS	
Original	Tradução
p. 139 Cué – Ex, lo que ha sido.	p. 205 Kué – Corresponde ao “ex-“do latim. Designa ablação, exaurição, movimento para fora. O que foi e já não é. Antigamente, em São Paulo, se chamava “Kuera” (cuera) a uma pessoa que fora alguma coisa e que já não é.

Aqui, como em muitos verbetes do glossário, pode se observar que a edição do Clube traduziu as definições que apareciam no glossário original, mas também buscou complementá-las com explicações, tornando-o mais completo e de mais fácil entendimento para o público leitor brasileiro.

Além das diferenças quantitativas no tocante aos lemas apresentados nos glossários que acompanham, respectivamente, original e tradução, existem também diferenças ortográficas na forma como eles são grafados. No livro original, a autora insere o guarani no castelhano, colocando palavras e frases soltas em alguns trechos. O guarani escrito pela autora tem muitas características que não são encontradas hoje em dia, como por exemplo o uso da letra “c” e casos de acentuação em desuso. Na tradução, o tradutor se aproximou mais ao como é a atual escrita padrão do guarani, utilizando a letra K e Y, embora valha ressaltar que, em alguns momentos, na tradução as mesmas palavras são escritas de formas diferentes.

Assim, a efeitos de apresentação, segue abaixo um terceiro glossário, que vem se somar aos que apareceram no original e na tradução do Clube, em que são apresentadas todas as palavras localizadas em guarani. Trata-se de 70 verbetes, organizados em ordem alfabética, acompanhados de suas respectivas páginas, tanto no original quanto na tradução, assim como de seus significados e ortografia atual, encontrados através de consultas em pequenos glossários disponíveis online, o aplicativo *Guaraní Ayvu*, assim como o dicionário *Hablemos Guarani*.

Os materiais disponíveis para a pesquisa sobre o guarani, como afirmado acima, apresentam grandes déficits, pois contêm poucos verbetes ou não são de acordo com as novas normas ortográficas dessa língua. De fato, uma das maiores dificuldades para encontrar as palavras em guarani foi, precisamente, a questão do padrão ortográfico, que mudou bastante desde a publicação do livro e, como foi visto, apenas recentemente em vias de uma possível estabilização. Curiosamente, em muitos casos a ortografia apresentada pelo Clube é mais próxima da atual do que aquela presente no original de *Tava-í*.

Sem mais delongas, aparece a seguir o glossário elaborado para este trabalho:

ORIGINAL	PÁGINAS	TRADUÇÃO	PÁGINAS	SIGNIFICADO	ORTOGRAFIA PADRÃO ATUAL
<i>Acá vaí sombrero i</i>	p.109	Akā vaí sombrero 'i	p.163	“mala cabeça = enamorado”	Akā vaí sombrero'i
<i>Acera hú</i>	p. 23	Acera hú	p.40	Calçada da cidade de Caazapá	Acera Hu
<i>Acera ñarô</i>	p.23	Acera ñarô	p.40	Altar reservado para as autoridades	?
<i>Adiós, che carai</i>	p.61	Adiós, che carai	p. 96	Adeus, meu senhor	Adiós, che carai
<i>Ahó-po í</i>	p.7	Aó po'i	p.16	Tela fina/ Roupa delicada	Ao Po'i
<i>Avá</i>	p.23	Avá	p.41	Índio (sentido pejorativo)	Ava
<i>Azucapé</i>	p.84	Azucapé	p.127	Mel de cana	Azucapé/ Asucape
<i>Bïro</i>	p.20	Vyro	p. 35	Idiota/ Tonto	Bïro/ Vÿro
<i>Caá-tai</i>	p.30	Ka'a tái	p.51	Erva do bicho	Caátai / Catay
<i>Caacupé</i>	p.96, 114	Caacupé	p.130, 144, 146,147	Cidade	Caacupé
<i>Caavó tferí</i>	p.110	Ka'avó tyre'y	p.165	Viscul album (planta)	Ka'avotyre'y
<i>Cabañas-cue</i>	p.93	Cabañas-cué	p.141	Hotel/Campo	Cabañas Cué
<i>Cabîta</i>	p.8	Cabitá	p.18	Cardeal	Cabîta
<i>Cambá</i>	p.65	Não existe	-----	Negro	Kamba
<i>Cambuchî yerokî</i>	p.119	Kambuch í ieroky	p.177	Dança do Pote	Kambuchi Jeroky
<i>Caraí</i>	p.43	Caraí	p.70	Senhor / Dom	Karai
<i>Caramegúa</i>	p. 5,7,8,11	Karameguã	p.17	Baú	Carameguá
<i>Carandaî</i>	p.3, 84, 96	Karanda'y	p.11, 128, 145	Palmeira/Fibra da planta	Karanda'y / Caranda'y
<i>Carretatimbó</i>	p.87	Carretati mbo	p.131	Carro a vapor	Carreta timbó
<i>Chaé</i>	p.28	Chaé	p.48	Primitivo / Médico sem licença	Chae
<i>Chajhá</i>	p.82, 85	Chajhá	p.124, 127, 129	Tachã/ Chauna Torquata	Chahã/ Chaja

<i>Chaló</i>	p.22, 27	Chaló	p. 38	Salvador (nome próprio)	Chalo
<i>Chipá</i>	p.84	Torradas de milho e mandioca	p. 127	Chipa/ Pão de queijo Paraguai	Chipa
<i>Curupaítí</i>	p.24	Kurupa'ity	p.42	Cidade / Batalha / Guerra	Curupaytí
<i>Eireté</i>	p.106	Eireté	p.159	Mel de abelhas/ renda/ colmeia	Eirete
<i>Entierros</i>	p.30,35	Enterros	p.51, 58,	Tesouros enterrados	Entierros
<i>Guaí</i>	p.69	Guaí	p.128	Guaireño	Gua'i
<i>Guajhó</i>	p.123	Guajhó	p.182	Cidade	Guajhó
<i>Guatá</i>	p.55	Guatá	p. 86	Caminhar	Guata
<i>Guaviramí</i>	p.15, 99	Guaviramí	p.29, 149	Gabiroba	Guaviramí
<i>Ibîrácaigué</i>	p.74	Ybyrá-kaigue	p.114	Cidade Paraguai	Yvyra Kaigue
<i>Îvîguî</i>	p.35	Yoyguy'	p.58	Subsolo / abaixo da terra	Yvyguy
<i>Jhavías</i>	p.37	Havías	p.61	Sabiá / Tardus	Havía
<i>Lampreados</i>	p.84	Lampreados	p.127	Bolinho de carne	Payagua Mascada / Lampreado
<i>Mainumbî</i>	p.102, 108,109, 117	Mainumbiy	p.153, 161,163, 174,175	Colibri / Beija-flor	Mainumby
<i>Mbeyú</i>	p.7	Mbe'ú	p.17	Tapioca	Mbejú / Mbeyú
<i>Mbusú</i>	p.16	Mbusú	p. 31	Enguia	Mbusú
<i>Medioapepú</i>	p.90	Medioapepú	p.135	Laranja agridoce	Apepu
<i>Mío-mío</i>	p.64	Mío-mío	p.100	Planta toxica/ veneno	Mio-mio
<i>Moá</i>	p.41	Moã	p.66	Vagalumes	Moa
<i>Ñandutí</i>	p. 119	Ñandutí	p.177	Teia de aranha	Ñandutí
<i>Ñaro</i>	p.23	Nãrõ	p.40	Raiva/ Fúria	Ñarõ / Ñaro
<i>Niñoazoté</i>	p.136	Niñoazoté	p. 200	Caliandra / Flor do Cerrado	Niño Azoté
<i>Oye guá ñeimoá Cabañas reongué.</i>	p.93/94	Oye guãneimo'ã Cabañas rai reongué	p. 141	“Adornado como el cadáver de un hijo de Cabañas”	?

<i>Pacurí</i>	p.110	Pakurí	p.165	Bacuri	Pakuri
<i>Paíno</i>	p.109	Paíno	p. 163	Padrinho	Paíno
<i>Payé</i>	p.77	Paié	p.117, 118, 122	Bruxaria	Payé
<i>Perurimá</i>	p.39, 53	Perurimá	p.64, 84	Personagem Folclórico	Perurima
<i>Píchai</i>	p.53	Pichai	p. 84	Personagem folclórico	Pychái
<i>Placeras</i>	p.132	Placeras	p. 195	Vendedora do mercado ou feira	Placera
<i>Pora</i>	p.17, 22,23, 50	Poras	p.31,38,39 , 79	Fantasmas/ Duende	Póra
<i>Purahei</i>	p.53	Puræi	p.84	Canto/ cantar/canção	Purahéi
<i>Rabonas</i>	p.37	Rabonas	p. 59	Mulheres que acompanhavam os soldados durante as Guerras	Rabonas
<i>Raido potí</i>	p.96	Raido potí	p.145	Mulher arrumada e vestida	Ráida Potí
<i>Samuhú</i>	p.92	Samuhú	p.139	Bombacaceae	Samuhú
<i>Tacurú</i>	p.14	Takurú	p.26	Monte de terra argilosa/ Formigueiro/ Cupim	Tacurú
<i>Tahangá</i>	p.106	Ta'angá	p.159	Imagem / Fotogradia	Ta'anga
<i>Tarová</i>	p.120	Tarová	p. 178	Louco / Demente	Tarova
<i>Tayá</i>	p.110, 118	Taiá	p.165, 175	Taioba/ Xanthosoma	Tayá
<i>Tayasú guîrá</i>	p.79	Taiasú- guyrá	p.121	Ave de Rapina	<i>Tayasúguîrá</i>
<i>Tayi</i>	p.41	Ta-iy'	p.67	Semente, grão, testículo.	Ta'ÿi
<i>Tembiguay</i>	p.65	Não existe	-----	Servente/ criado/ empregado	Tembiguái
<i>Tereré</i>	p.116	Tereré	p.172	Terere	Terere
<i>Tîpîratî</i>	p.13	Typyraty	p26	Fécula de mandioca	Tîpîratî /typyraty
<i>Tipoy</i>	p.119	Typói	p.177	camisa para mulher	Typói
<i>Tupáci î mî</i>	p.90	Tupáci-î- mî	p.136	Mãe de Deus ou existir e estar	Tupãsy

<i>Uruperó</i>	p.110	Uruperõ	p.165	Fungo Armillaria / Cogumelo de Mel	Uruperó
<i>Vira-vira</i>	p.80	Vira-vira	p. 122	Repetir	Vira
<i>Yerutí</i>	p.82, 85	Yerutí / ierutí	p.124, 125, 127, 129	Pomba/ Rolinhas	Yerutí
<i>Yuí</i>	p.16	Ju'i	p.30	Rã	Yuí

Como se pode constatar, o glossário anterior é composto por 70 verbetes lematizados como unidades no momento que aparecem no texto, sejam eles palavras ou orações completas. Esses 70 verbetes incluem segmentos que, a priori, não foi possível localizar nos glossários e dicionários consultados. Contudo, adotando estratégias de análise intratextual e observando a presença de vocábulos empréstimos do espanhol inseridos neles, algumas hipóteses puderam ser feitas, mesmo sem confirmação através das ferramentas consultadas.

A palavra “*mesaguata*”, por exemplo, dentro do contexto do livro, parece ser uma espécie de mesa dos espíritos, relacionada a presságio. Já “*Acá vai sombrero ï*” aparece marcado em nota de rodapé do livro original, e na tradução, como “*mala cabeza = enamorado*”. Dentro do contexto do livro, pode-se entender como uma frase que faz referência a uma brincadeira em que um dos personagens parece estar apaixonado. Separadamente, “*acá*”, entre seus diversos significados, tem o de “cabeça”. Nos dicionários e glossários é possível encontrar como “*akã*”. A palavra “*vaí*”, por sua parte, significa “mal”, enquanto a palavra “*sombrero*” vem do castelhano, em que significa “chapéu”, e a partícula “*ï*” serve para formar diminutivos, como os sufixos *-ito* ou *-cito* em espanhol. Na tradução feita pelo Clube do Livro, foi mantida frase em guarani, mas com a mudança na ortografia: “*Akã vaí sombrero'ï*”.

Entre esses verbetes para os quais resultou difícil encontrar tradução também se encontra *Acera Hu* e *Acera Ñarô*, segmentos onde somente *Hu* e *Ñarô* são palavras derivadas do guarani. “*Acera Hu*” é uma área localizada na cidade de Caazapá, atrás da igreja de San Pablo. Trata-se de uma das construções da época das reduções franciscanas. Já “*Acera Ñarô*” não gerou ocorrências dentro das pesquisas feitas. Porém, dentro do contexto presente no livro, é possível inferir que remete para uma espécie de altar, localizado atrás da calçada “*Acera Hu*”, e era reservado aos padres e entidades políticas, enquanto “*Acera Hu*” era uma área destinada à população em geral.

Outro segmento complicado foi “*Cabañas-cue*”, que aparece, em certo momento do texto, fazendo referência a um local ou espécie de campo pertencente à família Cabañas. Neste caso, novamente, apenas a palavra “*cue*” é uma palavra em guarani, que significa “velho”. Na ortografia atual, é possível encontrar como “*Kue*”.

E por fim, outra frase que resultou de difícil tradução foi “*Oye guá ñeimoá Cabañas rai reongué*”, a qual, de acordo com nota de rodapé no livro original, significa “Adornado como el cadáver de un hijo de Cabañas”. No contexto do livro, é possível inferir que essa é uma frase típica dita por um dos personagens, que faz referência à família Cabañas. Essa foi exatamente a única frase cujas unidades não foi possível localizar separadamente nas consultas realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme indicado na introdução a este trabalho, a presente pesquisa se propôs, como objetivo geral, analisar a tradução da obra *Tava-í* (1942), publicada pela editora Clube do Livro em 1944, com foco na presença nela da língua guarani.

Como se comentou no primeiro capítulo, o Clube do Livro desejava passar aos seus leitores uma nova experiência de leitura, tentando alcançar mais clientes com a proposta de melhorar o acesso à alta cultura pelos brasileiros das classes mais baixas, pessoas essas que não costumavam ter acesso à literatura nacional nem estrangeira. Por seu alinhamento ideológico e para evitar atritos com o regime, a editora relativizava alguns assuntos polêmicos ou que fossem contra o governo. Além disso, por motivos políticos e de gestão, a editora Clube do Livro cobrava dos tradutores rapidez em suas traduções, motivo pelo qual elas eram feitas de maneira padronizadas. Trata-se das denominadas “traduções de fábrica”, como as denominou Milton (2002), em que os tradutores não tinham muito tempo para elaborar grandes traduções, trabalhavam com prazos limitados de entrega e, ainda, precisavam respeitar os padrões impostos pela editora, no tocante aos quesitos editoriais e, principalmente, a como essas traduções chegavam aos leitores. Estes eram tratados como sujeitos que precisariam receber versões de obras cuja leitura fosse facilitada e, ainda, expurgadas de quaisquer marcas consideradas inadequadas em uma época em o governo pregava o patriotismo no Brasil e a censura estava presente por todas as partes.

Nesse contexto, este trabalho se perguntou o que aconteceria, em termos tradutórios, com os vocábulos em guarani que aparecem distribuídos ao longo de *Tava-í*, pois constituiriam desafios de leitura para o público brasileiro e potenciais espaços de atrito com o governo da época. Nesse sentido, o primeiro achado que este trabalho vem trazer é a constatação de que os vocábulos em guarani foram praticamente todos preservados e mantidos dentro da tradução.

Além disso, em que pese a manutenção do glossário existente na obra original, na tradução do Clube continuam existindo ocorrências de guarani de difícil entendimento pelos leitores não falantes dessa língua, inclusive na atualidade, mesmo com o recurso a fontes de consulta como as utilizadas nesta pesquisa. Observa-se, assim, que neste caso o Clube não parece ter priorizado a facilitação da leitura, pois

manteve um amplo leque de estrangeirismos, não raro sem tradução no glossário, donde se deduz que a presença do guarani no volume deve ter sido vista como uma necessidade pelo Clube.

De fato, o caráter de língua oficial do Paraguai que possui o guarani junto com o castelhano poderia nos induzir a pensar que não possuiria papel de figurante dentro da literatura paraguaia. Entretanto, ainda sendo um país bilíngue, as pesquisas sobre o guarani dentro da literatura paraguaia em espanhol são escassas, ainda tendo sido um dos elementos que fez Roa Bastos criticar a falta de identidade nacional paraguaia e denunciar sua relação com uma literatura nacional “ausente”. Nesse sentido, *Tavaí* mostra a complexidade de se resolver linguisticamente a identidade de sociedades diglósicas como a paraguaia, em que, apesar da importante presença de uso do guarani, o que se encontra são personagens que fazem uso apenas de vocábulos ou de frases soltas nessa língua.

Para que o guarani esteja presente dentro da literatura, é necessário que o acesso aos materiais envolvendo a língua sejam mais fáceis de encontrar ou que o governo paraguaio dê mais incentivos para os autores e a cultura guarani, de maneira que sejam produzidos mais dicionários, glossários e pesquisas em relação a essa cultura. Afinal, mesmo uma editora como o Clube do Livro, com decisões editoriais marcadas pela restrição a diversos fenômenos culturais e ideológicos, considerou que a presença do guarani no volume pesquisado precisava ser preservada, coisa que fez praticamente na sua totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREIRO SAGUIER, Rubén. Estratos de la lengua guaraní en la escritura de Augusto Roa Bastos. **América: Cahiers du CRICCAL**, n°14, 1994. Histoire et imaginaire dans le roman latino-américain contemporain, v2. pp. 95-107; doi: <https://doi.org/10.3406/ameri.1994.1153>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1994_num_14_1_1153. Acesso em: 26/03/2022.

BARROS, M. C., BORGES, L.; MEIRA, M. A Língua Geral como Identidade Construída. **Revista de Antropologia**, v. 1, n. 39, p. 191-219, 1996.

BENISZ, Carla Daniela. Los atributos de una polémica. La lengua guaraní y literatura paraguaya. Cetycli, 2013. **III Congreso Internacional de Cuestiones Críticas**, Universidad Nacional de Rosario, abril de 2013. Disponível em: <https://www.cetycli.org/trabajos/benisz_carla_danielacc.pdf>. Acesso em: 15/03/2022.

CABALLERO; Antonio. Inminente derrumbe de una casona colonial en Caazapá. Asuncion, Paraguay. 26 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/nacionales/2021/01/26/inminente-derrumbe-de-una-casona-colonial-en-caazapa/>>. Acesso em: 20/03/2022.

CHARLES A. Ferguson (1959) **Diglossia**, WORD, 15:2, 325-340, DOI: 10.1080/00437956.1959.11659702. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1959.11659702?needAccess=true>>. Acesso em: 20/03/2022.

CHAVES, María Concepción L. de. **Tava-i (Vilarejo)**. Trad. José Maria Machado. São Paulo: Clube do Livro, 1944.

CHAVES, María Concepción L. de. **Tava-i**. Assunção: La Colmena S. A.,1942.

DELGADO, Emilio, CORDÓN, José Antonio. **El libro: creación, producción y consumo en la Granada del siglo XIX**. Granada: Universidad, 1990.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. **III Censo Nacional de Pobl y Viviendas para Pueblos Indígenas por Departamento, 2012**. Paraguay: Cantidad de hogares y población en viviendas particulares por tipo de vivienda, según departamento e idioma o lengua mayoritaria declarada en la casa, 2012. Disponível em: <https://www.ine.gov.py/default.php?publicacion=33>. Acesso em: 13/03/2022.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. **III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas por Departamento, 2012**. Paraguay: Población indígena de 5 años y más de edad por sexo, según departamento e idioma o lengua que hablan las personas, 2012. Disponível em: <https://www.ine.gov.py/default.php?publicacion=33>. Acesso em: 13/03/2022.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. **Principales indicadores de viviendas, 2012. Total, País, Área Urbana-Rural.** p. 33-36. Paraguay, 2012. Disponible em : https://www.ine.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/documento/841e_Paraguay%20Principales%20Indicadores%20de%20viviendas,%202012%20Total%20pa%C3%ADs,%20%C3%A1rea%20urbana%20-%20rural..pdf. Acesso em: 13/03/2022.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. **Resultados Finales Censo Nacional de Población y Viviendas. Año 2002.** PARAGUAY: Población de 5 años y más de edad por área urbana-rural y sexo, según idioma/s que hablan las personas, 2002. Disponible em <https://www.ine.gov.py/microdatos/documento/1/2002/5/P09%20total.pdf>. Acesso em: 13/03/2022.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. **Resultados Finales Censo Nacional de Población y Viviendas. Año 2002.** PARAGUAY: Hogares por tipo, según área urbana-rural e idioma del hogar, 2002. Disponible em: <https://www.ine.gov.py/microdatos/documento/1/2002/4/V15%20total.pdf>. Acesso em: 13/03/2022.

GACETA OFICIAL DE PUBLICACIONES OFICIALES DE LA REPÚBLICA DEL PARAGUAY. **Ley de Lenguas** n° 4.251. Asunción, 31 de diciembre de 2010, 52-60. Disponible em: http://www.spl.gov.py/es/application/files/6814/4724/2701/ley_de_lenguas.pdf. Acesso em: 18/03/2022.

GUASH, A. S. J. & ORTIZ, S. J. (1991). **Diccionario castellano-guaraní/guaranícastellano.** Sintáctico, fraseológico, ideológico. Grafía actualizada. CEPAG: Asunción.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

MELIÀ, Bartomeu. Diglosia en el Paraguay o la comunicación desequilibrada. **CEADUC, Suplemento Antropológico**, Vol. 8 Nro. 1 y 2, Asunción, 1973.

MELIÀ, Bartomeu. **Una nación dos culturas.** Asunción: CEPAG, 1997.

MILTON, J. **O Clube do Livro e a Tradução.** Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2002.

ORTIZ, Diego, AGUILERA Domingo, MARECOS, Elda, O.P. **Hablemos el guaraní:** curso completo en cuatro niveles para extranjeros. Asunción, CEPAG, 1990.

PALACIOS ALCAINE, Azucena. Lenguas en contacto en Paraguay: español y guaraní. FERRERO PINO, Carmen; LASSO – VON LAN. **Variedades lingüísticas y lenguas en contacto en el mundo de habla hispana.** 1ª edición. Bloomington, Books Library, 2005, 35-43. Disponible em: <https://espanolcontacto.fe.uam.es/wordpress/wp-content/uploads/2017/02/Lenguas-en-contacto-en-Paraguay-espa%C3%B1ol-y-guaran%C3%AD.pdf>. Acesso em: 19/03/2022.

PENNER, H. (1). La ley de lenguas en el Paraguay: ¿un paso decisivo en la oficialización de facto del guaraní? **Signo y seña**, (30), 108-136. <https://doi.org/10.34096/sys.n30.3040>. Disponible em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3040/2681>. Acceso em: 10/03/2022.

PENNER, H. Gestión glotopolítica del Paraguay: ¿primero normativizar, después normalizar? **Caracol**, [S. l.], n. 20, p. 232-269, 2020. DOI: 10.11606/issn.2317-9651.i20p232-269. Disponible em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/171873>. Acceso em: 25/03/2022.

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS; ACADEMIA DE LA LENGUA GUARANI; SECRETARIA DE POPULISTECH. **Guarani Ayvu**. 2021, Versão 3.25.

SÁNCHEZ, P. S. **Los clubes del libro en el mundo editorial: el caso del Círculo de Lectores**. Salamanca, Universidad de Salamanca, 2005. Disponible em: <http://eprints.rclis.org/16330/1/Clubos-Circulo%20Lectores.pdf>. Acceso em: 20/02/2022.

SECRETARÍA POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS. **La ALG presentó las reglas ortográficas del guaraní**. Secretaría de Políticas Lingüísticas. Publicado em 09/07/16 01:08:p.m. Disponible em: <http://www.spl.gov.py/es/index.php/noticias/la-alg-presento-las-reglas-ortograficas-del-guarani#:~:text=Para%20el%20uso%20de%20la,%3A%20Guata%2C%20%C3%B1a ni%2C%20ao>. Acceso em: 30/03/2022.

SILVEIRA, F.F. **Fauna digital do Rio Grande do Sul**, 2020. Disponible em: <http://ufrgs.br/faunadigitalr>. Acceso em: 28/02/2022.

UNIVERSIDAD NACIONAL DEL LITORAL. **Yerutí gris**. Facultad de Ciencias Veterinarias. Esperanza, Santa Fe, Argentina. Disponible em: <https://www.fcv.unl.edu.ar/aves/categorias/familia-columbidae/yeruti-gris>. Acceso em: 15/02/2022.

VALLE; Gabriel Enrique del. **Descubrir Corrientes**: La enciclopedia virtual correntina. Argentina, 2011. Disponible em: <http://descubrircorrientes.com.ar/2012/>. Acceso em: 25/02/2022.

VON STREBER LEE, Guilherme. Paraguay y las complejidades de una nación bilingüe: la contradicción del idioma guaraní como símbolo nacional y su condición de diglosia. **Encuentros**, Barranquilla, v. 16, nº. 1, pp. 107-119, junho 2018. <https://doi.org/10.15665/.v16i01.1401>. Disponible em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-58582018000100107&lng=en&nrm=iso. Acceso em: 21/03/2022.

ZAJÍCOVÁ, Lenka. Variación estilística en el contacto lingüístico: el caso del guaraní y el español en Paraguay. **Etudes Romanes de Brno**, ISSN 1803-7399, Nº. 2, 2009, págs. 203-211. Disponible em: https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/114811/1_EtudesRomanesD eBrno_39-2009-2_24.pdf?sequence=1. Acceso em: 10/03/2022.